

BRASIL PRECISA MUITO DE PORTUGAL

Sabendo que o Sr. Visconde do Boteão se encontrava no Brasil, onde conta com uma multidão de amigos e de parentes, mas sobretudo, com filho e netos, achamos, em virtude das suas condições peculiares, de grande oportunidade, entrevistá-lo.

Foi Vice-Presidente da Corporação dos Transportes Turísticos, e durante vários anos, membro da Missão Portuguesa, junto da Organização Internacional do Trabalho, tendo sido eleito por unanimidade, Vice-Presidente da Conferência Internacional do Trabalho Marítimo, em 1969, juntamente com o Vice-Ministro da Marinha da URSS, e o Presidente dos Sindicatos de Marítimos da Suécia.

De 1907 a 1970, foi Vice-Presidente da Federação Internacional dos Armadores (o primeiro português e, até agora, o único a exercer esse lugar), e membro do Centro de Estudos de Marinha, e Vogal da Comissão de Direito Marítimo Internacional do Ministério da Marinha.

É Presidente Executivo da Comissão Portuguesa do Atlântico e Vice-Presidente da Associação do Tratado do Atlântico. No exercício destas funções, tem exercido desde 1962 grande atividade no âmbito da política externa portuguesa.

Além disso, é um dos empresários de maior expressão em Portugal, com atividades ligadas à navegação, estaleiros navais, comércio internacional, imprensa, agricultura etc.

Desde 1962, que tem detestado, em artigos nos jornais e em Conferências, o fortalecimento da Comunidade Luso-Brasileira, pois trata-se ainda de um dos escritores de mais fôlego que existem em Portugal.

— O QUE O TROUZE AO BRASIL? NEGÓCIOS, TURISMO, POLÍTICA?...

— Não sou negociante. A não ser que se de a esse vocábulo a mesma significação da nossa Praça do Comércio, em Lisboa, que se chamava Terreiro do Paço e onde se não faz qualquer comércio...

Uma viagem ao Brasil tem sempre aspectos turísticos. Não foi porém esse o meu objetivo. E quanto à política...

— que todos praticam, mesmo os que se dizem apolíticos...

— o que posso dizer-lhe é que em cada visita que faço a Terras de Vera Cruz se revivem a minha fé na Comunidade Luso-Brasileira.

O que me trouxe ao Brasil foi um importante assunto familiar: abraçar um filho meu, que está a doutorar-se em São

Paulo, e minha nora que é brasileira. E batizar o meu quarto neto deste ramo da minha já numerosa descendência.

— REFERIU-SE A COMUNIDADE LUSO-BRASILEIRA. COMO A VÊ?

— Dizei que o meu vivo desejo — desde o dia em que, pela primeira vez, pisou esta terra, no mês de abril de 1952 — é de que a Comunidade se projete no futuro com grande dimensão e sob triplices aspectos: cultural, político e económico.

— PODE PORMENORIZAR O SEU PENSAMENTO? POR EXEMPLO: QUANTO AO SETOR CULTURAL...

— A língua portuguesa re-

O Visconde do Boteão, que é engenheiro, foi Procurador à Câmara Corporativa em três legislaturas, em representação ao Grémio dos Armadores. Atualmente é também Procurador, mas na Secção das Relações Internacionais.

segue acelerada. As Universidades de Luanda e de Lourenço Marques, são institutos de grande categoria pedagógica, que estão a preparar as elites da nova geração, qualquer que seja a cor da pele. Como no Brasil... Cabe aqui, um grande elogio às Académias Brasileiras e Portuguesa que, desde há meio século, têm dado uma grande contribuição para o fortalecimento das raízes culturais comuns.

— O Brasil já é uma grande potência do presente. Deverá ser uma superpotência num futuro próximo. Para isso, precisa absolutamente do fortalecimento integral da Comunidade. O Brasil, como Portugal, tem vocação pacifi-

apertada... Sei que o problema é complexo. Que Nações poderosas, como os Estados Unidos e a URSS têm opiniões diferentes das do Brasil quanto à largura do Mar Territorial e que o assunto será discutido na próxima Conferência sobre Direito Marítimo, cuja organização as Nações Unidas estão a preparar.

E porém positivo, que a largura do Mar Territorial de cada País, depende fundamentalmente do seu Poder para eventualmente o defender. Ora, o Poder do Brasil, que já é grande, está a crescer... E, assim, de braço dado com o Brasil, também poderíamos tomar e manter iniciativas que, sozinho, não poderíamos concretizar. O caso do Mar Territorial é apenas um exemplo...

— E QUANTO AO SETOR DE ECONOMIA?

— O Brasil já é economicamente desenvolvido. Já possui uma excelente frota mercante que continua em plena expansão e já exporta muitos produtos manufacturados, até para os Estados Unidos. Um País que atinge o grau de industrialização e de desenvolvimento tecnológico do Brasil precisa contudo, de todos os tipos de mercados. Quer dizer, dos mercados desenvolvidos e dos subdesenvolvidos. Neste aspecto, Angola e Moçambique representam áreas de auto-interesse para o Brasil. A economia é a base material em que devem alicerçar-se os ideais da cultura e da política da Comunidade. Os interesses económicos entre o Brasil e o todo português têm de se entrelaçar, fortalecer e frutificar. Os nossos governos estão empenhados nessa tarefa, fomentando e apoiando as iniciativas privadas. O nosso Primeiro Ministro, Professor Marcello Caetano, tem dinamizado o processo do intercâmbio económico luso-brasileiro, com a clareza cristalina da sua inteligência, que reduz os problemas às equações mais simples, e com a vontade firme do seu patriotismo e da sua fé nos destinos comuns de Portugal e do Brasil.

— DE-ME UMAS PALAVRAS DE FECHO...

— Vou repetir duas frases que se criaram no meu espírito à medida que me encontrei com a fé da Comunidade.

A primeira tem até muito a propósito, pois estamos no ano em que se comemora o 5.º Centenário dos Lusíadas:

Considero que o Brasil é o XI Canto do Grande Poema Épico Nacional que — Camões estreveria se voltasse a este mundo. É um Canto vivo, recitado diariamente pelos cem milhões de brasileiros. No Brasil realizou-se o génio português. São inensas as qualidades da nossa raça. Mas só descobrem quando encontram o indispensável espaço para se expandirem.

Já dizia Vieira: — "Deus nos deu uma Terra pequena para nascer e o Mundo inteiro para morrer!"

A segunda é que a Comunidade Luso-Brasileira terá a concretização do V. Império das profecias do Bandarra. Não me julguem uma fantasista. Esta imagem — apenas um símbolo. Os símbolos correspondem porém, a realidades... Então, seriam sem significado...



presente para a Comunidade, o ensino que a cheirada sanguínea no corpo humano. É um elo indissolúvel e o mais forte que une as nossas Patrias. Se não tivesse criado o Brasil, o português, na actualidade, não teria presença no Mundo. Mas tem-na, graças a Deus. E cada vez será maior. Ao Brasil, com os seus cem milhões de habitantes, compete uma enorme responsabilidade na expansão universal da nossa cultura. Deveria o Brasil, ajudar Portugal na voluculação definitiva da língua portuguesa, nas nossas Províncias de Angola e Moçambique. Estamos a fazer nesse sentido, um esforço enorme naqueles Territórios. Há tempos, visitel, por exemplo, a Zona de Zandavala, à 236 quilómetros ao Norte de Lourenço Marques. Num raio de cinco quilómetros, encontramos cinco escolas primárias. Dentro de poucos anos, haverá mais votantes ao Portugal africano, do que o Portugal europeu. Mas, não é só ao nível primário que a educação

ca. Mas uma Nação, para ser pacífica, tem de ser forte e de se sentir protegida nas suas vicinhanças. Não foi dentre destes princípios que os Estados Unidos transformaram o Havaí num dos seus Estados? E que a União Soviética atingiu todo o corcê de Nações Europeias, desde o Mar Negro ao Báltico? Para esta segurança, o Brasil necessita da fidelidade e da permanência portuguesa, aliás garantidas, em Cabo Verde e em Angola, no quadro da Comunidade.

Recentemente o Brasil alargou para 200 milhas, o seu Mar Territorial. Apreciamos favoravelmente essa iniciativa. Dentro dos princípios decorrentes do Direito Marítimo, largura do mar brasileiro, na área mais apertada do Atlântico Sul, levamos a 200 milhas para além do Rochedo de São Pedro. Se Portugal, sempre no quadro da Comunidade, aderisse à mesma tese, estenderia o Mar de Cabo Verde 200 milhas para o Oeste. O gargalo do Atlântico Sul, não coberto pela Comunidade, seria bem